

Introdução

Este artigo examina a emergência das imagens fotográficas sobre a colónia portuguesa de Timor nas revistas ilustradas portuguesas no início do século XX e, em particular, as relacionadas com a revolta de Manufahi na revista *Ilustração Portuguesa*, uma das revistas da época de maior divulgação. As imagens ilustram a “vida colonial” daquela possessão num momento charneira na história da presença colonial portuguesa, em que se materializava, no terreno, a ocupação efetiva do território e se pretendia promover o interesse económico deste junto das elites da metrópole, distante.

A revolta demonstra como as autoridades administrativas e militares portuguesas dependem das alianças locais com os timorenses para, em última instância, permanecer física e politicamente no território, pelo desempenho no conflito que tiveram as forças timorenses aliadas de Portugal (Pélissier, 2007). No entanto, este papel é objeto de omissão na imprensa metropolitana (Sousa, 2016). A revolta promove ainda o debate público sobre a continuidade da presença portuguesa naquela colónia oceânica, considerada pouco lucrativa economicamente, e se analisa a sua hipotética venda a outras potências coloniais europeias.

Não menos importante para a compreensão destes eventos é ter presente que se desenrolam no momento em que se implementa em Portugal o regime republicano e os feitos coloniais são uma fonte de legitimação. A simultaneidade do decorrer das operações de combate aos rebeldes timorenses com a segunda invasão das forças monárquicas de Paiva Couceiro em Portugal¹¹⁵ permite ao regime republicano reclamar duas vitórias essenciais. O discurso mediático dos jornais portugueses da época não deixa de transparecer esse facto, com a introdução nos textos de referências às forças militares portuguesas em Timor como “republicanas” e aos reinos revoltos o epíteto de monarquias (Sousa, 2016).

* Este artigo corresponde ao desenvolvimento da comunicação efetuada na 2ª Conferência Internacional Produção do Conhecimento Científico em Timor-Leste – Timor e Timorenses: antes, agora e depois, com o título: “Timor antes e depois da guerra de Manufahi: imagens de uma colónia “ignorada” nas revistas ilustradas portuguesas no início do século XX”.

¹¹⁵ Para saber mais consultar online: <http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/id?id=01798>

1. As imagens de Timor no início do século XX: conhecimento, poder, identidade

Nos finais do século XIX, início do século XX, a vulgarização do registo fotográfico encontra nas revistas uma forma de expressar e divulgar o conhecimento que até aí era relativamente circunscrito a publicações de difícil acesso ao público em geral. As colónias são um dos temas recorrentes das secções das publicações ilustradas, quer através de desenhos, de gravuras ou fotografias (Martins, 2012). As fotografias desempenham um papel fundamental na formação de identidades: “(...) nacionais, coloniais e individuais, e como uma nova forma de conhecimento e de comunicação.” (Vicente, 2012: 423). Para Filipa Vicente as fotografias podem ser abordadas em, pelo menos, três perspetivas: como propaganda, para “(...) anular a distância entre metrópole e império e a mostrar as colónias e os seus habitantes aqueles que era [sic] colonizadores, mas não podiam ver ou conhecer os espaços que colonizavam através de outros meios.” (2012: 426-427); como meio de produção de conhecimento e, por fim, como elemento passível de apropriação por parte dos locais no “forjar das suas identidades e das suas agendas nacionalistas, por vezes contra o domínio colonial” (2012: 427).

De facto, seguindo os pontos enumerados, podemos dizer que o uso da imagem e das fotografias, em particular, se trata de todo um novo campo discursivo que permite uma reavivada produção imagética da narração colonial, transportando o distante e o exótico através da dimensão visual para um público mais abrangente, promovendo o conhecimento e o desejo em relação a esse objeto distante: as colónias, os seus povos e as suas riquezas: “(...) para ver “lá em casa” como seria “o Outro”, mas também para mostrar e reproduzir a superioridade do colonizador sobre o colonizado em vários referentes”. (Barradas, 2009: 73). O conhecimento é uma ocasião de manifestar publicamente a ação colonizadora, o dinamismo do “Nós”, face à passividade (ou resistência inusitada) do “Outro”. Todavia, esta relação com a produção e uso das imagens fotográficas de Timor não deixa de manifestar, na linha do que Carvalho refere, uma “relação biunívoca e ambivalente entre a autoridade colonial e local” (2004: 229), dada a dependência do colonizador em relação ao colonizado para perpetuar a sua presença, assim como deste último no uso que faz do colonizador para os seus interesses próprios. Como fonte de conhecimento, prático e científico, podemos dizer, sem que este seja um estudo exaustivo – que se encontra por fazer – que as fotografias das duas primeiras décadas do século são diferentes da objetificação a que os timorenses e, em particular os seus corpos, são objeto, por exemplo, no Álbum Fontoura¹¹⁶.

Na última vertente referida por Filipa Vicente é possível vislumbrar um campo de pesquisa para aprofundar à data em que ocorrem estes eventos em análise os interesses

¹¹⁶ Não analisaremos aqui em detalhe este Álbum, elaborado em 1936 pelo Governador homónimo. Para uma análise desta importante fonte de imagens de Timor consultar Oliveira (2006). Outras fontes de imagens de Timor são: Arquivo Científico Tropical: <http://actd.iict.pt> ; Centro Português da Fotografia: <http://digitalq.cpf.dgarq.gov.pt/details?id=60427>

dos poderes locais em presença e a sua concorrência e decisão de alinhar com as autoridades portuguesas. Todavia, a apropriação e valorização identitária desta revolta é bem visível na obra de Abílio Araújo (1977). Atualmente, a revolta e o seu líder, D. Boaventura da Costa, são elementos simbólicos indiscutíveis da nova nação.

2. Breve panorama do uso de imagens de Timor nos finais do século XIX, início do século XX

As revistas ilustradas adquirem relevância ao longo do século XIX. Todavia, a colónia de Timor é uma das mais sonegadas na imprensa portuguesa, merecendo esparsas referências. A revista *Panorama*, em 1842, dedica um extenso artigo a Timor e Solor mas não apresenta nenhuma gravura¹¹⁷. A Revista “*O occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*” apresenta no seu número de 11 de fevereiro de 1882, nº 113, Vol. V, 5º ano, a imagem de “Bento da França Pinto d’Oliveira - Novo Governador de Timor”. Por seu turno, a revista *Ilustração Portuguesa*¹¹⁸ de 15 de junho de 1885 apresenta no seu número 51 uma gravura do palácio do governador em “Dilly”¹¹⁹. A mesma revista apresenta, a 1 de abril de 1887, nº 298, a imagem do “Capitão Tenente da Armada Alfredo Maia, Governador de Timor, assassinado pelos “Indigenas”¹²⁰.

Este alheamento sobre o território é reconhecido pelos próprios editores das revistas, como é exemplificado na revista “*Colónias Portuguesas*”, na qual o redator afirma em relação a Timor que esta é uma “ (...) perola que possuímos no archipelago malaio, continua pobre e enfesada. E, todavia, que riquezas não occuta [sic] ella no seu ubérrimo sol!”¹²¹. Marcada pelas dificuldades decorrentes da distância a que se encontra a colónia, a sua principal fonte de informação no território são as missivas, da secção “Correspondências” onde se destaca, pela vivacidade da redação, Ernesto Lassi¹²².

Aquele que será um dos primeiros artigos com ilustrações alusivas a Timor encontra-se na correspondência de João de Lacerda, “Recordações de Viagem”,

¹¹⁷ Revista Panorama, Dezembro 17, 1842. 2ª série - vol. I. J.C.N.C. “Noticia Acerca das possessões portuguezas nas ilhas de Timor e Solor, e da sua importância actual”. pp.402- 404.

¹¹⁸ A *Ilustração Portuguesa* foi publicada, semanalmente, entre Julho de 1884 e Outubro de 1890. Ver Correia, Rita (2012). *A ilustração portuguesa : semanario : revista litteraria e artistica* (Ficha histórica). Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AllustracaoPortuguesa_Semanario_1884_1890/Web_AllustPort_1884_1890/AllustracaoPortuguesa_1884-1890.htm

¹¹⁹ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AllustracaoPortuguesa_Semanario_1884_1890/1885/Junho/N51/N51_item1/P1.html

¹²⁰ Este evento é detalhadamente descrito numa missiva de Ernesto Lassi, na revista ilustrada *Colónias Portuguesas*, de 30 de Abril de 1887, nº 7 e 8, ano V.

¹²¹ Revista ilustrada *Colónias Portuguesas*, Lisboa, 1 de junho de 1883, Ano I, nº 6, p.2

¹²² Ernesto Lassi era um administrativo e compositor. <http://www.archives.gov.mo/webas/ArchiveDetail2016.aspx?id=18841>

publicadas em 1867 na revista *Arquivo Pitoresco*. As quatro missivas alusivas à estadia em Timor foram publicadas ao longo de igual número de edições. Para além das fortes impressões da chegada e da descrição da vida social de Díli, os artigos apresentam duas gravuras com particular interesse, uma da baía de Díli e outra de “Fondus¹²³”, manifestando um interesse particular por este grupo de indianos e a sua história.

Esta aparente ausência de imagens de Timor nas revistas portuguesas no final do século XIX, início do século XX, não quer dizer que tais imagens não existam. Alguns arquivos pessoais têm ganho a luz do dia com trabalhos como o de Ricardo Roque (2010). Outra origem imagética do território nesta época são os postais. Segundo Loureiro (1999) os postais são dos principais, e primeiros, registos fotográficos do início do século, nomeadamente os editados por L. Geisler e na pequena coleção de postais Circunscrição Civil de Liquiçá. Somente nos finais dos anos 20, “Idade de Ouro” do bilhete-postal ilustrado, emerge uma coleção da Missão, isto é, a Igreja Católica em Timor, nos tempos que antecederam a criação da sua diocese. (Loureiro, 1999).¹²⁴

3. A revista *Ilustração Portuguesa* e Timor

A revista *Ilustração Portuguesa* assume-se como a revista com maior tiragem e circulação da época, tratando múltiplos aspetos da vida portuguesa, eventos internacionais e aspetos coloniais. A sua postura é a de uma verdadeira demanda da imagem como forma de expressão. A revista era parte da empresa “O Século”, tendo uma periodicidade semanal, e assim foi publicada neste formato entre 1903 e 1924. Dando um destaque à imagem nas suas várias vertentes, o objetivo era ser um “verdadeiro magazine semanal, onde ficarão archivados, pela photographia, pelo desenho, pelo interviewe [sic] e pela descrição e reportagem literarias, todos os aspectos da vida portugueza contemporanea”¹²⁵. A fotografia assume assim um papel central, contando para isso com o contributo de colaboradores que enviavam as imagens para:

fixar e transmittir ás gerações futuras a imagem da nossa existência contemporânea, em todos os seus campos de actividade, documentando a nossa actual vida domestica, politica literária, mundana e artistica, coligindo os mais numerosos subsídios para a leitura dos homens e dos documentos (CML, s.d.: 2)

¹²³ Os “Fondus” ou “Fundus” são Indianos das possessões inglesas, contra quem se revoltaram recorrentemente, tendo-se refugiado no território português. Em 1859 foram exilados pelas autoridades portuguesas em Timor (Pélissier, 2007: 71).

¹²⁴ Algumas destas imagens podem ser observadas aqui: <http://www.prof2000.pt/users/AVCULTUR/Postais4/TimorPost04.htm>

¹²⁵ “Uma Nova Ilustração Portuguesa”, *Ilustração Portuguesa*, 1ª série, no 118, 5 de Fevereiro de 1906.

O acervo relativo a Timor na revista é escasso, ocasional. Este facto não é estranho e está em conformidade com a sua reduzida presença na imprensa genérica quando comparado com outras colónias, como S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique (Sousa, 2016). Este conhecimento limitado observa-se igualmente noutras formas de disseminação de saber, como é o caso dos manuais escolares, onde as referências ao território no início do século XX são usualmente breves e sucintas (Sousa, 2013).

Tendo como referência os números da revista publicados entre 1903 e 1923, a presença de Timor enquanto objeto de ilustração é diminuta (Quadro 1). Ao longo destes vinte anos só se encontram referenciados quinze números que abordam conteúdos relacionados com a colónia. Nestes artigos encontram-se um total de 92 fotografias (algumas repetidas em vários dos artigos).

Quadro 1. Presença de artigos / imagens sobre Timor¹²⁶

Ano	Referência	Título	Conteúdo e fotos
1904	21 de novembro (nº 55), pg. 43	“A partida dos contingentes de Macau e Timor”	12 fotos legendadas
1905	16 de janeiro (nº 63), pg. 162	“Temporais em Timor”	3 fotos legendadas
1909	7 de junho (nº 172), pg. 729-734.	“Timor a Ignorada”	artigo com 11 fotos
1912	18 de março (nº 317), pg. 378-379	“A ilha de Timor”	9 fotos
	6 de maio (nº 324), pg. 589	“O contingente de Timor”	6 fotos legendadas
	13 de maio (nº 325), pg. 640	“O contingente de Moçambique”	5 fotos legendadas
1913	13 de janeiro (nº 360), pg. 44-46.	“Vida colonial em Timor” (Alfredo da Costa e Andrade)	artigo com 9 fotos
	5 de maio (nº 376), Pg. 366	“Em Timor: A chegada do novo diretor da Alfandega” (capitão Gonçalo Pimenta de Castro)	Artigo com 4 fotos
1914	12 de janeiro (nº 412), pg. 49-50	“A região timorense”	artigo com 5 fotos
	23 de fevereiro (nº 418), pg.244-245	“Timor”	artigo com 6 fotos
	4 de dezembro (nº 459), pg. 716	“Corporação de cabos em Dili”	1 foto legendada
1918	1 de abril (nº 632), pg. 249	“Em Timor” residentes em Dili	1 foto legendada
1919	25 de agosto (nº 705), pg. 253-255	“Nas termas de Marobo, ilha de Timor”	artigo com 8 fotos
1920	16 de agosto (nº756), pg. 99 - 103	“A granja República na ilha de Timor”	artigo com 10 fotos
1923	6 de janeiro (nº 881), pg. 22	“A nossa colonia de Timor, o comando militar de Hatolia”	7 fotos legendadas.

¹²⁶ Este quadro servirá de referência bibliográfica dos números da revista Ilustração Portuguesa em que se encontram imagens sobre Timor. Todos os números estão acessíveis na Hemeroteca Digital da Câmara Municipal de Lisboa: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>. Fonte da pesquisa: Ilustração Portuguesa in <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

As referências nas revistas relativas a Timor no ano de 1912, ano em que se desenrolam as ações de guerra no terreno, são, como se pode observar, muito poucas. Somente três números fazem alusão direta à revolta em curso. Esta situação não será de estranhar já que, pelo menos até ao momento, não foram encontradas imagens do conflito publicadas na imprensa daquele ano. Somente entre 1913 e 1914, Jaime de Inso¹²⁷ procederá a quatro palestras na Sociedade de Geografia de Lisboa sobre Timor e a revolta, reportadas na revista “O Ocidente”¹²⁸, ilustradas com fotos que depois serão reproduzidas no seu livro (Inso, 1939). A relevância destas palestras, que não se limitaram a falar da guerra de 1912, eram, como referia o articulista que apresentou os artigos, “(...) tanto mais interessantes quanto o que em geral se conhece acerca da nossa colônia de Timor é pouco mais que nada.”

Apesar desta limitada presença de artigos referentes à revolta de Manufahi, a leitura que aqui faremos procurará caracterizar o “antes,” a imagem que havia sobre a colônia, o “agora” relativo ao ano da revolta e o “depois”, o período que se seguiu. A leitura nos três tempos permite uma perceção transversal de uma narrativa colonial sobre a revolta de 1912 que perpassa ao longo das várias edições, apesar dos diferentes momentos de publicação, em alguns casos separados por anos. Um discurso que expressa uma bonomia inicial da vida colonial nos anos que precederam a revolta, a surpresa face à revolta do colonizado e a reação que esta vai desencadear, que se concretiza com a vitória contra os revoltosos, e na plena ocupação efetiva de todo o território.

4. Antes: Timor, um ambiente colonial “domado”.

São poucas e circunstanciais, as imagens de Timor entre 1903 e 1909. Todavia, a notícia da partida dos contingentes militares para Macau e Timor, de 21 de novembro de 1904, não deixa de ser premonitória. O sóbrio conhecimento da ilha é bem expresso pelo título do artigo publicado em 1909 na revista *Ilustração Portuguesa*: “Timor, a Ignorada”. Este artigo é o primeiro e, a vários títulos, o único, que explora de forma aprofundada a etnografia de Timor. Publicado a 7 de junho de 1909, o artigo, de autor anónimo, desdobra-se ao longo de seis páginas, articulando texto e onze fotos legendadas, rodeado de ilustrações gráficas com motivos africanos.

Podem descortinar-se duas partes no artigo: na primeira, são apresentados e descritos alguns dos temas chave associados à etnografia indígena; na segunda parte, é

¹²⁷ Jaime do Inso, na altura 2.º tenente, participou, a bordo da canhoeira Pátria, nas operações de guerra em Timor em 1912.

¹²⁸ Revista “O Ocidente - Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro”. XXXVI volume, nº1241, de 20 de Junho de 1913; e nº 1242, de 30 de Julho de 1913; XXXVII Volume, nº 1227, de 20 de Junho de 1914 e Nº 1278, de 30 de Junho de 1914. Acessíveis em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Indice/IndiceO.htm>

exposto o papel dos “libertários” na colonização portuguesa, assim como as suas consequências e promoção local. O artigo não tem autor identificado mas o detalhe de alguns dos factos, da realidade etnográfica timorense, os seu usos e costumes, como o *acoi mate*, o *barlaque*, as tradições de guerra, aplicação de justiça, e a utilização de vocábulos de língua Tétum indicia que o seu redator conhece o território, as suas populações e os seus costumes.

As imagens, sobre as quais não há referência de autor¹²⁹ e das quais só se reproduz a primeira página, são circunspectas. Os timorenses, individualmente ou em grupo, são apresentados de forma magnânima, sobretudo, as imagens associadas a famílias de régulos. A presença de metropolitanos emerge somente em duas imagens, numa das quais se observa um padre e um funcionário a observar um jogo do galo e noutra um militar, sentado e calçado, tendo na sua retaguarda três soldados timorenses, descalços. Algumas imagens de edifícios simbólicos, como sedes de administração e de governo, demonstram a implementação da presença portuguesa.

Figura 1: “Timor a Ignorada”, 7 de junho de 1909.



¹²⁹ Todavia, pelo menos uma das fotos é possível atribuir a L.Geister, datada provavelmente de 1900. Ver nota 11.

É pertinente verificar que o artigo procura demonstrar como a presença portuguesa criava uma nova elite timorense com os chefes locais e como esta ação tinha “domado” os timorenses. Na segunda página, uma foto que mostra um oficial português, sentado, tendo atrás os soldados timorenses, descalços, parece atestar esse facto. Não deixa de ser paradoxal que este artigo termine comparando o Timor português com o Timor Holandês, afirmando que o Timor português é mais desenvolvido, enquanto o Timor Holandês tem muitas revoltas....

5. Agora: Timor 1912, a revolta do “gentio”

A revolta de Manufahi, ou a guerra de Manufahi, foi a última grande rebelião contra o domínio português em Timor, liderada por D. Boaventura da Costa, o régulo de Manufahi, que segue assim as pisadas do seu pai, D. Duarte, que se sublevou em 1895. A revolta foi subjugada por uma conjugação de forças que envolveu militares portugueses metropolitanos, militares provenientes das colónias portuguesas, nomeadamente africanos e, sobretudo, aliados dos reinos timorenses. De facto, as forças africanas e nativas correspondiam a 88% dos efetivos militares envolvidos (Pelissier, 2007).

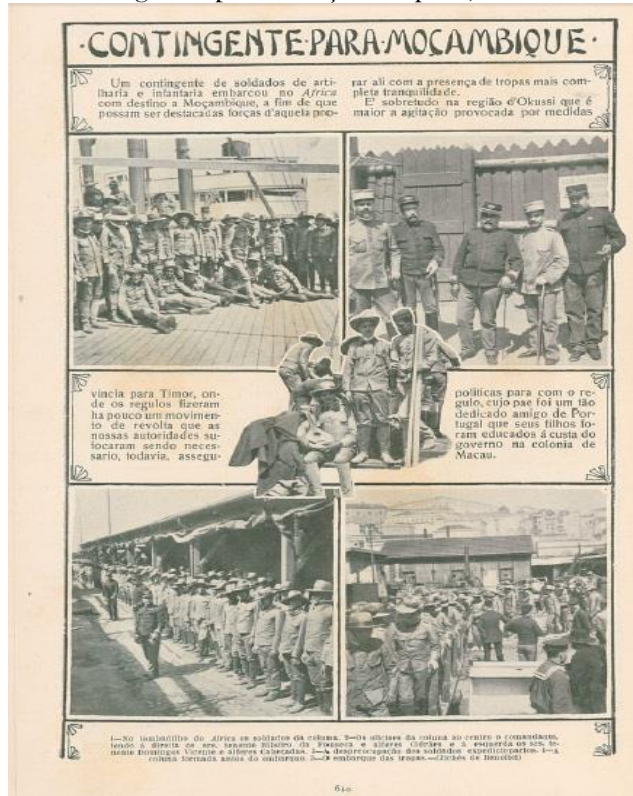
O início formal da revolta associa-se ao dia 24 de dezembro de 1911, domingo, data em que ocorre o ataque ao posto de Same e o primeiro-tenente Luiz Alvares da Silva é morto e decapitado. A guerra vai decorrer até meados de 1912 num movimento de cerco e aniquilamento que degastou as forças rebeldes e as submeteu. Todavia, o destino do líder da revolta é ambíguo pois sobre o seu paradeiro há várias versões desconhecidas.

Na imprensa portuguesa da época (Sousa, 2016), a descrição da guerra é, sobretudo, uma oportunidade para, num momento de crise política em Portugal se exaltar a identidade portuguesa num contexto de instabilidade política, social e económica decorrente da mudança de regime monárquico para republicano em 1910 e as incursões de Paiva Couceiro, a segunda das quais ocorre em 1912. As colónias eram parte essencial da identidade, expressa no território ocupado e a memória dos feitos de ocupação. Os relatos da guerra na imprensa metropolitana são, sobretudo, descrições das ações dos portugueses. O papel dos militares africanos e dos aliados timorenses são pouco ou nada reconhecidos na imprensa portuguesa (Sousa, 2016). Assim que as notícias da revolta chegam a Portugal, a imprensa vai analisar e criticar a atuação da administração colonial no território e descobrir que, de facto, apesar das guerras de Celestino da Silva, nem todo o Timor respeitava a colonização portuguesa. Impunha-se assim agir pois era a face de Portugal que estava em jogo.

Na revista Ilustração Portuguesa serão publicados alguns artigos em 1912 que, de certa forma, complementam a informação que era dada nos jornais. Um dos primeiros artigos foi “A Ilha de Timor”, em que se descreve a traços gerais as características daquela possessão portuguesa, usando as mesmas imagens do artigo referido de 1909. O artigo procura entender as motivações da “revolta do gentio”,

A notícia “Contingente para Moçambique” de 13 de maio de 1912 é similar à anterior, sendo, todavia, este contingente destinado a assegurar a manutenção da autoridade em Moçambique a fim de que daquela província pudessem ser destacadas forças para Timor. É interessante registar que a revolta é descrita como tendo sido sufocada pelas autoridades, o que de facto só ocorre em Agosto de 1912, com operações posteriores em Oecússi, “(...) contra um regulo cujo pai foi tão amigo de Portugal que os seus filhos foram educados à custa do governo na colónia de Macau.”

Figura 4: “Contingente para Moçambique”, 13 de maio de 1912.



Sobre a guerra de Manufahi nenhuma outra referência surge na revista durante o ano de 1912. É sobretudo nos jornais que se acompanha o desenrolar das operações e se fala do “inimigo destemido” e da “luta interminável de guerrilhas” a que se tinha assistido. A vitória final das forças portuguesas aparece no jornal “A Capital” de 24 de agosto de 1912, “A pacificação de Timor. Brillhante victoria das armas portuguesas”.

Nas notícias deste e de outros jornais é enaltecida, sobretudo, a atuação dos soldados portugueses metropolitanos, não havendo menção ao papel de moçambicanos e aliados timorenses o que só ocorre no Boletim Oficial de Timor¹³⁰. Sobre o temível D.

¹³⁰ Como é exemplo o relatório das operações de tomada de Riac no Boletim Oficial nº 32, de 10 de agosto de 1912.

Boaventura, descrito anteriormente como: “Um dos mais prestigiados chefes indígenas, cuja educação foi feita nas missões, falando e escrevendo corretamente o português” (A Capital, 20 de abril de 1912), nada se diz e pouco se sabe sobre o seu destino final. O suplemento ao número 32 do Boletim oficial, de 12 de agosto de 1912, declara tomado a 11, a montanha de Leolaco e que “O regulo Boaventura, depois de ter declarado que queria apresentar-se, conseguiu iludir a vigilância dos arraiaes, e fugio na noite de 10 para 11, pela vertente de Leolaco, fronteira a bandeira.”

A imagem do régulo D. Boaventura tornou-se um ícone contemporâneo e símbolo da resistência e identidade do atual Estado timorense, do qual constitui uma Ordem, destinada aos Combatentes Fundadores do Movimento de Libertação Nacional”. A foto faz parte do Álbum Fontoura, onde aparece no capítulo relativo a “Trajos, ornamentos e armas”¹³¹.

Outra personagem fundamental na revolta foi o primeiro-tenente Luiz Alvares da Silva, morto na primeira ação da revolta, desencadeada a 24 de dezembro de 1911, em Same. Embora se trate de uma personalidade sobre a qual muito se diz, o facto é que pouco se sabe da sua imagem.

Figura 5: D. Boaventura da Costa, Álbum Fontoura.



Figura 6: Primeiro-tenente Luiz Alvarez da Silva, “O Século”, 26 de março de 1912.



Na fase atual das pesquisas em curso podemos apresentar uma imagem deste homem numa fotografia colocada, não na revista *Ilustração Portuguesa*, mas no jornal “O Século”, de 26 de março de 1912. Colocamos aqui esta imagem pois pensamos que será a primeira vez que esta é empregue em contexto académico e devolvemos assim mais um elemento de estudo do passado para o presente para que possa servir de motivo a mais investigação no depois.

¹³¹ http://amrtimor.org/multimedia/fontoura/album/pag_inteiras/142.htm

6. Depois da revolta, retomar a vida colonial e a senda do desenvolvimento

Terminada a guerra, as notícias sobre Timor são em menor número na imprensa escrita, assim com na revista *Ilustração Portuguesa*. Todavia, foram nos anos subsequentes alguns artigos que, não sendo diretamente sobre a revolta de Manufahi a esta fazem alusão, direta ou indireta. Estes artigos traçam a narrativa implementada pelas autoridades portuguesas: a guerra terminou, Timor foi pacificada, iniciando-se uma fase de normalidade e desenvolvimento implementado pelo Governador vencedor: Filomeno da Câmara.

O artigo a “Vida colonial em Timor”, de 13 de janeiro, de Alfredo da Costa e Andrade, retoma de certa forma o artigo de 1909, incidindo sobre os usos e costumes timorenses, os “estilos” com destaque para o *tebedae*, o *barlaque*, e em particular a “dança das cabeças” essa “dança macabra” que “raia a demencia”. Todavia, esta menção é abstrata, não se referindo em concreto ao regresso dos *moradores* da guerra de Manufahi que entraram em Dili, qual “formatura macabra (...) acompanhados de *assuais* com os seus trofeus - cabeças de inimigos degolados” a procissão de cabeças levadas pelos *moradores* vitoriosos que desfilaram por Dili (Inso, 1939:200). Termina com comentários sobre existência de formas de escravatura, sobretudo, de prisioneiros de guerra mas, uma vez mais alusão à revolta de 1912.

Figura 7: “Vida Colonial em Timor”, 13 de janeiro de 1913.



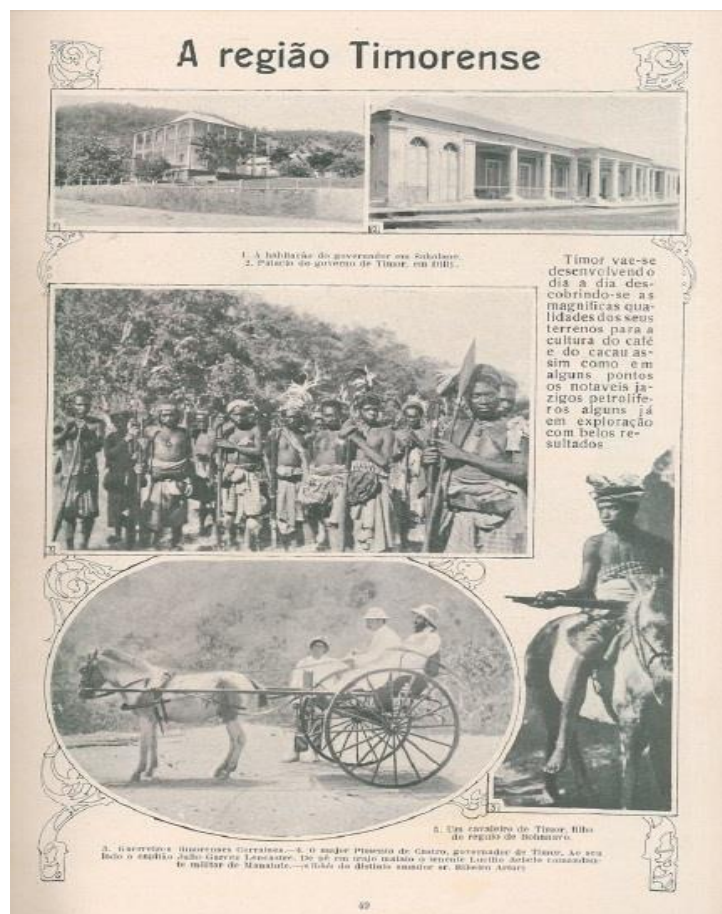
O artigo, “Em Timor: A chegada do novo diretor da alfandega”, de 5 de maio de 1913, confirma esse retorno à normalidade administrativo-burocrática e o impulso que se pretende dar. Sobre as consequências da guerra para os timorenses, nada é referido

Figura 8: “Em Timor: a chegada do novo diretor da Alfandega”, 5 de maio de 1913.



Esta ideia de regresso à normalidade é marcada nos artigos de 1914 “A região Timorense” de 12 de janeiro e “Timor” de 23 de fevereiro de 1914. No artigo “A região timorense” é interessante observar o destaque dado a dois edifícios que marcam a ocupação: a habitação do governador e o palácio do governo. A imagem dos arrais (não sabemos em que contexto) é complementada pela imagem dos portugueses de trajos brancos. O texto destaca o desenvolvimento económico, nomeadamente na produção de café e cacau, e a nova fonte de interesse “(...) os notáveis jazigos petrolíferos alguns já em exploração com belos resultados” (p.49).

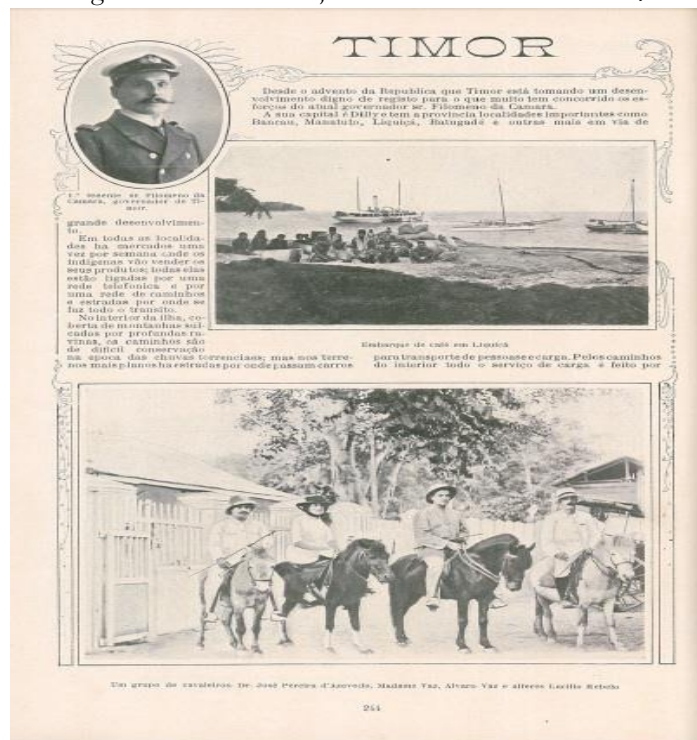
Figura 9: “Região Timorese”, 12 de janeiro de 1914.



O artigo, “Timor”, de 23 de fevereiro de 1914 é, a vários títulos, único pois é o único em que se referem as consequências da “grande revolta” para a população timorese. O artigo inicia-se de uma forma panegírica, uma homenagem pública ao governador, Filomeno da Câmara, e atribuindo à implementação da República o desenvolvimento do território e a exploração económica endógena e estrangeira, com a exploração de petróleo por duas companhias estrangeiras. A terminar o artigo, em que imagens de “indígenas” e “europeus” – portugueses, nomeados, contrastam, é feita a alusão às consequências da “grande revolta de Dezembro de 1911” não ter afetado muito a economia da colónia:

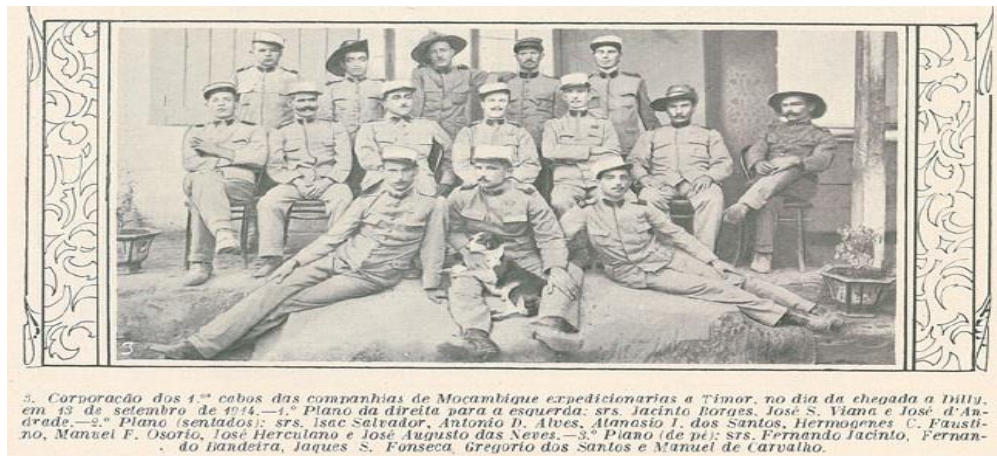
“Na sua vida economica não sofreu muito a provincia com a grande revolta de dezembro de 1911 apesar da guerra que a sufocou ter durado nove meses. O periodo de fome que os povos das regiões, focos da revolta sentiram após a guerra foi debelado por varias medidas de muito criterio pelo fornecimento gratuito de milho aos mesmos povos que que o Governador da Provincia mandou fazer (...). (p.249)

Figura 10: “Timor”, 23 de fevereiro de 1914.



Em 1914, chegam ainda tropas a Timor e a revista de 4 de dezembro de 1914 mostra a corporação de cabos, em posição informal, identificando cada um deles.

Figura 11: “Corporação de cabos”, 4 de dezembro de 1914.



A imagem, “Em Timor”, de 1 de abril de 1918, é um complemento à reorganização política e económica da colónia, assim como à sua estabilidade militar: a componente civil manifestada numa imagem de um grupo de convivas, ilustrativa da

paz alcançada com o fim da guerra. A legenda explica: “Grupo de residentes em Dili que, com elevado patriotismo, muito tem contribuído para o engrandecimento d`aquela colonia portuguesa”.

Figura 12: “Em Timor”, 1 de abril de 1918.



Esta calma transparece, igualmente, no artigo de 25 de agosto de 1919, “Nas termas de Marôbo (*Ilha de Timor*)”, escrito por António Damas Mora¹³² (1879 - 1949). Um relato da expedição de um grupo de convivas, entre os quais o governador da altura, às termas de Marobo. O texto descreve as incidências da estadia e, a qualidade das águas, demonstrando igualmente como o acesso ao interior se realiza de forma periódica.

Sete anos depois do final da guerra, o artigo, “A Granja Republica na Ilha de Timor”, escrito por A. Damas Mora, de 16 de agosto de 1920, é relevante pois a “Granja”, a enorme fazenda em causa, foi feita em territórios de vencidos da guerra de Manufai e aparece aqui como um exemplo de desenvolvimento do território. O nome “republica” marca a transição de um poder forte que se afirma, em Portugal e em Timor.

¹³² Damas Mora era médico tendo publicado vários artigos entre os quais alguns relativos a Timor. Higiene pública: águas sulfurosas de Marôbo (Timor) / Damas Mora. - Boletim sanitário correspondente ao mês de Novembro de 1917. In: Boletim Sanitário. - Ano 1, n.º 11 (1917), p. 334-335; Micoses em Timor / Damas Móra, Aires Fernandes Sá. - Boletim sanitário do Estado da Índia relativo ao mês de Outubro de 1916. In: Boletim sanitário (Estado da Índia). - Vol. I, n.º 2 (1916), p. 59-62. Para saber mais consultar: <http://medicosportugueses.blogs.sapo.pt/1350.html>

contribuição de guerra”. O café viria a tomar o lugar de muitas das florestas. No artigo, o autor explica como D. Boaventura, “o mais poderoso chefe timorense”, ostensivamente votou ao abandono extensas várzeas de arroz e milho junto à sede de comando de Manufahi, uma forma de “(...) insinuar aos seus súbditos o desprezo em que tinha o dominador branco...”.

A Granja marcou simbolicamente a faceta económica da ocupação, volvida que estava a militar. Na sua criação, orientada pelo governador, concorreram indígenas, artifices chineses e a direção de Gregório José Morato. Todavia, o autor, que redige o seu texto em Lisboa, refere com pesar a exoneração, em 1917, de Filomeno da Camara, o regresso do responsável Morato a Lisboa e o abandono progressivo do projeto porque “Os micróbios do desleixo e da intriga, em simbiose tão portuguesa, entraram a invadir os serviços publicos de Timor”.

O último conjunto de imagens de Timor na publicação *Ilustração Portuguesa* surge a 6 de Janeiro de 1923. Este é o mais possessivo dos títulos registados: “A nossa colónia de Timor”, com o subtítulo “O comando Militar de Hatolia”. O artigo, de uma página, é composto por sete fotografias, legendadas, do fotógrafo amador Carlos Correia, 2º sargento, na altura o comandante do posto.

As imagens são ilustrativas de estruturas arquitetónicas do comando militar, militares e civis, destacando-se as fotos alusivas ao posto militar de “Leto-Fóho”, a casa de residência da plantação de café de Talo e a delegação de saúde que, como referido, é “o primeiro hospital construído no interior da ilha”. As fotografias, em grandes planos, não permitem observar com detalhe o elemento humano presente em algumas delas, nomeadamente, junto às residências.

Figura 15: “A nossa colônia de Timor”, 6 de janeiro de 1923.



O circuito da lógica colonial manifesta-se através da presença destas instalações: as militares, as económicas (café e fabrico de telha) e, por fim, as instalações hospitalares, registando a penetração da presença portuguesa no interior do território.

Conclusões

O tema da conferência, “Timor e Timorenses: Antes, agora e depois”, lança o desafio de reflexão sobre o contínuo temporal que liga o passado, o presente e o futuro de Timor dos timorenses. Estes “tempus”, como são muitas vezes denominados na tradição oral timorense os períodos históricos, são marcados por momentos liminares, que se insinuam na identidade de uma nação em construção¹³³. A guerra de Manufahi é um desses momentos. A revolta e as ações de guerra atingiram, direta ou indiretamente, todo o território da então colónia portuguesa. A sua memória persiste e foi objeto de particular atenção na formação da identidade da nação como um símbolo de resistência ao colonizador, o português e o indonésio, e na assunção de uma identidade própria enquanto nação.

O desafio de estudar Timor e os Timorenses através de fontes portuguesas é, simultaneamente, e sobretudo, uma oportunidade de estudar Portugal e os portugueses, no antes, durante e depois dessa insurreição. A relação colonial que liga Timor e Portugal é central na definição da identidade timorense atual e da condição pós-colonial que caracteriza o agora das conexões entre os dois países e do lugar particular que cada um ocupa no mundo.

No domínio académico da investigação é possível pensar nas pontes que se podem estabelecer com a pesquisa da história da colonização portuguesa em Timor e sobre a forma como Timor e os timorenses se constituíram. Este é o desafio que se coloca a investigadores portugueses, mas, sobretudo, a investigadores timorenses, quer no plano das fontes arquivísticas, institucionais ou privadas, quer no domínio da investigação sobre a memória e história oral que se pode conduzir no terreno etnográfico. Este é um desafio que só pode ter continuidade com o aprofundamento dos estudos históricos e antropológicos em Timor Leste, agora.

Bibliografia:

- ARAUJO, Abílio. 1977. Timor Leste-Os Loricos voltaram a cantar. Lisboa: Edição do autor.
- BARRADAS, C. (2009). “Poder ver, poder saber. A fotografia nos meandros do colonialismo e pós-colonialismo.” Arquivos da Memória, Antropologia, Arte e

¹³³ Esta ideia e relação não deixa de ter uma interessante ressonância com as teses de Bradford Skow sobre o tempo, e o modo como as experiências do passado permanecem reais no presente. Bradford Skow *Objective Becoming* Oxford: Oxford University Press, 2015.

- Imagem. Nº 5-6 (Nova Série). Lisboa: Dentro de Estudos de Etnologia Portuguesa. 72-92.
- BELO, C. X. (2012). *A Guerra de Manufahi (1911-1912)*. Baucau: Tipografia Diocesana de Baucau.
- CARVALHO, C. (2004). “Uma antropologia da imagem colonial: poder e figuração entre os Manjaco da Guiné Bissau”. *Anuário Antropológico /2002-2003*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004: 225-250
- CML (Câmara Municipal de Lisboa). (s.d). Ilustração Portuguesa. Consultado a 20 de maio de 2016, URL: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustracaoPortuguesa.pdf>
- CORREIA, Armando. 2009 [1935]. *Gentio de Timor*. 2ª edição, Ilha da Madeira. Câmara Municipal de Câmara de Lobos.
- INSO, J. (1939). ‘TIMOR - 1912’. Lisboa: Edições Cosmos.
- LOUREIRO, J. (1999). *Postais antigos e outras memórias de Timor*. Lisboa: João Loureiro e Associados.
- MARTINS, L. (2012). *Um Império de Papel. Imagens do Colonialismo Português na Imprensa Periódica Ilustrada (1875-1940)*. Lisboa: Edições 70.
- PÉLISSIER, R. (2007) *Timor Em Guerra: A Conquista Portuguesa 1847-1913*. Lisboa: Estampa.
- OLIVEIRA, A. (2006) “A imagem colonial de Timor: o álbum fotográfico do Governador Álvaro da Fontoura” in Rosa Maria Perez, ed., *Os Portugueses e o Oriente: História, itinerários, representações* (Lisboa: Dom Quixote, 2006) pp. 319-337.
- SOUSA, L. (2013). “Educação, manuais e etnocentrismo: os timorenses nos manuais de geografia do ensino primário português do Estado Novo”. In *VERITAS - Revista Científica da Universidade Nacional Timor Lorosa'e*. Díli: Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Nacional de Timor-Loro sa`e (UNTL). nº 2. pp. 15-36.
- SOUSA, L. (2016) “A Revolta de Manufahi de 1911-1912. Testemunhos e a imprensa diária da época”. In *Timor-Leste Colonialismo, Descolonização, Lusutopia*. Rui Feijó (Coord.). Lisboa, Edições Afrontamento. pp. 93 -117.
- ROQUE, R. (2010). *Headhunting and Colonialism: Anthropology and the Circulation of Human Skulls in the Portuguese Empire, 1870-1930*. Hampshire: Palgrave MacMillan
- VICENTE, F. (2012). “Fotografia e colonialismo: para lá do visível”. *O Império colonial em questão (sécs. XIX-XX) Poderes, Saberes e Instituições*. Miguel Bandeira Jerónimo (org.). Lisboa: Edições 70. 423-453.
- VICENTE, F. (org.) (2014). *O Império da Visão. Fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Edições 70.